

O livro Vida em Comum – fundamentos, cotidiano e encontros dos Centros de Convivência com a cidade é um testemunho de uma experiência. A experiência de um fazer coletivo, diverso, a partir da singularidade de cada sujeito que dele participa, fazendo e refazendo laços e conexões. O livro mostra o pertencimento dos centros de convivência à Rede de Atenção Psicossocial na sua orientação radicalmente antimanicomial do cuidado em liberdade. Partindo da variedade de atividades, que vão muito além das oficinas, constrói-se um percurso que derruba muros, rompe fronteiras e agrega diversos atores na busca da cidadania construindo uma sociedade sem manicômios. Para apresentar o livro, retirei do mesmo a apresentação feita por suas organizadoras e seu organizador

## APRESENTAÇÃO

palavra pede pele. pede passagem. pratica ponte entre pessoas. palavra perto. preserva o pensamento. presta para o corpo. pira. para. para o tempo. possuir parte da palavra é pouco. é preciso ponto. pouso. peso. composição. piscar e pisar a palavra no papel. palpitar. pulsar a palavra no peito. passar a página. pintar a palma da mão. do pé. palavra causa pacto. impacto. persiste. insiste. resiste. como pixo. como pintura. como coisa pronta pra partir e ser. palavra é letra presente. reside em nós. desata os punhos. permanece pronta. passa por tudo. por bordas. contornos. transtornos. palavra é política. pacífica. periférica. cada palavra tem sua própria história particular. porque percorreu passos. países. delírios continentais. palavra liberdade é principal. porque luta. perturba. provoca. potencializa. aponta para a arte. poesia desenhada. palavreado com pincéis. haicais. telas. bordados. pingos de letras. pontas de lápis. pensamentos poéticos convivem entre si. dançam próximo. conversam. atuam. cantam sem pontuação. podem prosa. poema é permitido em linha. traço. rasgo. recorte. possui para si o ato de produzir voz. presença. palavra que é paisagem. retrato. artesanato da escrita. registro de expressão. grafia possível. pedaço de som. textura de ilustração. palavra que alinhava. apazigua. palavra catada vira manto. protege. o lugar de fala de cada palavra é o encontro entre. o intervalo convivente. a cidade. o cotidiano. lugar plural. toda palavra pede tratamento. quer cuidado. partilha de afeto. saúde. invenção de vida. nome próprio para existir.

A poesia de Maíra Paiva inicia a apresentação deste livro como um desafio e um convite. Desafio de colocar em diálogo as múltiplas formas que a linguagem pode assumir no esforço de traduzir uma realidade vivida ou desejada. A palavra existe e precisa de papel para se fazer inteira, tomar corpo para expressar, materializar e conectar a sensibilidade, o pensamento e a ação. Neste livro, cada palavra é uma tentativa de produzir saberes, circunscrever princípios que orientam as atividades, registrar experiências e criações artísticas. Por meio da palavra, torna-se possível recuperar fragmentos da memória e lhes oferecer contornos, retratar as vicissitudes do cotidiano e o encontro dos Centros de Convivência com a cidade, demarcando sua existência ao longo de quase trinta anos de implementação da política de atenção psicossocial, pautada nos princípios do SUS e no cuidado em liberdade, em Belo Horizonte.

A vida e a escrita se entrelaçam neste livro, mas é preciso estar advertido que a palavra é sempre insuficiente, incompleta. Por suas frestas e fissuras se descortinam novas buscas. A palavra solta convida a brincar, mergulhar, trilhar novos caminhos, ressignificar continuamente o saber e a experiência. A palavra passa por, permeia, perpassa, atravessa, não cessa de interrogar. Pela palavra, ressoam as vozes de usuários, familiares, gestores, monitores e parceiros em cada parte do livro.

Agradecemos a todos que nos enviaram sua contribuição para publicação. Lamentamos profundamente não poder incluir todos. O grande volume de material nos exigiu fazer escolhas

difíceis e criteriosas, mas que, de forma alguma, invalida a beleza e a qualidade do que cada um foi capaz de produzir.

Conviver é um ato por uma “vida (em) comum”. Viver em proximidade, construir uma vida junto, não é tarefa fácil. Exige tanto enfrentar conflitos quanto encontrar pontos de enlace mediados pelas palavras que legitimam o espaço social ao qual pertencemos e referenciamos nossa existência. Desse modo, reafirmar a vida já no título desta publicação – em um tempo em que a morte nos ronda tão de perto e, além disso, reafirmar a importância da sociabilidade para a vida –, nos parece um bom caminho para (re)inventar a convivência, conectando o singular ao coletivo, sem anulá-lo.

O livro se divide em três partes. Pelo ato de conviver, a primeira parte, é composta pelas palavras que procuram expressar aquilo que nos é próprio, que nos define, orienta e constitui. Esta parte foi dividida em três seções: Para que não se esqueça: história e fundamentos aborda o percurso histórico, os princípios e as diretrizes que fundamentam o trabalho dos Centros de Convivência. Trata dos princípios do SUS à reforma psiquiátrica antimanicomial, o cuidado em liberdade, a reabilitação psicossocial e a importância dos Centros de Convivência na Rede de Atenção Psicossocial. No final desta seção, ficamos com as palavras de Rosimeire Silva, que deixa pistas por onde podemos percorrer a fim de ampliar as reflexões sobre nossos serviços.

Na segunda seção, Um mergulho no cotidiano: os voos nas oficinas, considerações teóricas relacionadas à prática das oficinas nos Centros de Convivência antecedem relatos de experiências. Essas considerações teóricas e os relatos desvelam o saber e o fazer produzido nos diversos encontros mediados no cotidiano das oficinas, suas vivências artísticas, artesanais e de atividades físicas. Nessas vivências, a atividade criativa e sua produção material se mostram fundamentais no cuidado ao cidadão em sofrimento mental. A partir de um fazer junto se constrói a convivência. Atravessando o muro de dentro, mergulhamos na convivência ao “pé da letra”. Lá, alçamos voos pelas histórias bordadas, atividades físicas, arte e loucura no teatro além da cena... Para além da vivência cotidiana, as oficinas possibilitam que as produções artísticas e artesanais ultrapassem as fronteiras do serviço rumo ao território ampliado, através de parcerias que garantem o direito à cidade e, ao mesmo tempo, transformam o imaginário social sobre a loucura, desmistificando e desconstruindo as imagens da incapacidade e da periculosidade historicamente associadas às pessoas em sofrimento mental.

A terceira seção - Ressonâncias em todo canto: vicissitudes do cotidiano - trata do que significa se colocar ao lado para ocupar a cidade, desconstruindo muros, tecendo laços sociais e produzindo cultura. A palavra “liberdade” revigora-se dia após dia como potência para enfrentar o preconceito, o medo e a solidão. Brota de encontros singelos no cotidiano, junto com a alegria, o amor e o desejo. Esta palavra que ressoa na existência dos Centros de Convivência, acolhe e faz da vida poesia. Liberdade caminha junto com convivência e pertencimento e com elas passeia, vai a casamentos, faz mostra de arte, festival de música, torneio de jogos, desfila no 18 de maio, ultrapassa os limites da cidade, viaja no Trem Tan Tan, vai a Brasília se manifestar para, finalmente, chegar à praia de Iriri e realizar o sonho de conhecer o mar. Ir, sentir e rir nas poéticas da convivência além- mar...

Os encontros com a cidade ecoam também na segunda parte, Pelos litorais da convivência, lançando mão da metáfora do litoral para pensar o Centro de Convivência entre outros lugares diversos, heterogêneos em avanços e recuos, como mar e areia. Assim, pelos olhares de usuários, gestores, trabalhadores e parceiros, para cada campo com que o Centro de

Convivência faz litoral, dedicamos uma seção. Entre campos de cuidado, no trabalho em rede no contexto da RAPS, se destaca o manejo da crise, as construções coletivas, as intervenções com usuários e seus resultados e o cuidado no contexto da pandemia. Em interface com a Cultura, através de mostras de arte e formação de grupos culturais, encontramos entrelaces do sensível. Com a Educação, em destaque com o projeto de Educação de Jovens e Adultos, nos posicionamos entremundos do saber e com projetos de geração de trabalho e renda, entre práticas de cidadania. Com universidades, entre parcerias de formação, é possível ampliar a oferta de atividades e formação de trabalhadores atentos às ameaças de retrocessos. Apontando para um futuro entre meios da luta antimanicomial, reafirmamos nosso compromisso político contra qualquer forma de segregação da loucura, construindo, junto com os movimentos sociais, ações de fortalecimento da luta antimanicomial.

Pela invenção imagética da letra, na terceira parte, a palavra nos provoca com uma pergunta: como a letra existe, para a loucura, na arte? Se nas primeiras partes, na busca por sentido para apreender a experiência, a palavra se apresenta como a poesia, a prosa poética, o ensaio, o relato de experiência; aqui, através de escrita em imagens, a palavra como coisa, forma, sonoridade, desenho, se revela na dimensão da letra.

Pensar a escrita como meio de comunicação, ideia, visualidade e potência criativa nos provoca para um olhar sensível a respeito da loucura e suas aproximações com as letras, as palavras e as coisas. O usuário-artista que, ao longo do seu percurso de vida, sofre com as dificuldades de uma construção formal da escrita, contudo, vê na prática das oficinas a oportunidade de reinventá-la, tornando-a expressão única e transformando-a em criação livre.

Nessa produção, a relação entre arte e loucura se mostra pela diversidade de possibilidades de se fazer escrita, tendo a letra como matéria-prima, grafias em múltiplas técnicas, suportes, temas, conceitos e espaços. Encontramos, então, escritas com elementos de repetição, escapando às normas gramaticais, aglutinadas com figuras entre sinais, delírios, elucubrações, tamanhos, intensidades que colorem, traçam, rasgam, rabiscam o papel, a tela, o tecido, e, portanto, trazem consigo suas próprias e inventivas línguas e linguagens. Desta forma, esse ato da escrita, como trabalho e objeto estético, riquíssimo em conteúdo e visualidades, foi pensado como um recorte para apresentar uma parte significativa da produção artística dos Centros de Convivência.

De forma simples, na potência da palavra, no gesto de falar a vida, sobre a vida em comum, mais ainda, indo além, da palavra à letra, apresentamos os Centros de Convivência e suas produções.

Daniela Tonizza de Almeida

Giselle Campos Freitas Amorim

Maíra Paiva

Sandro Boaventura